



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

NUNO LUÍS BOANOVA CHINA

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO, DESENVOLVIDO NA ESCOLA DO 2º
E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO, INFANTE D. PEDRO - BUARCOS, JUNTO DA
TURMA DO 7º A, NO ANO LETIVO DE 2011/2012**

**COIMBRA
2012**

NUNO LUÍS BOANOVA CHINA

2004016150

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO, DESENVOLVIDO NA ESCOLA DO 2º
E 3º CICLOS DO ENSINO BÁSICO, INFANTE D. PEDRO - BUARCOS, JUNTO DA
TURMA DO 7º A, NO ANO LETIVO DE 2011/2012**

Relatório Final apresentado à Faculdade de
Ciências do Desporto e Educação Física da
Universidade de Coimbra, com vista à obtenção do
grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos
Ensinos Básicos e Secundário.

**Orientador: Professor Doutor Luís
Rama**

**Co-orientador: Professor Joaquim
Alves**

COIMBRA

2012

Teor do Compromisso de Originalidade do Documento

Nuno Luís Boanova China aluno nº2004016150 do MEEFEBS da FCDEFF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

AGRADECIMENTOS

Esta etapa da minha vida, que agora estou prestes a terminar, não teria sido possível se não tivesse contado com a ajuda preciosa de muitos familiares e amigos, que tudo fizeram para que conseguisse atingir os meus objectivos.

Agradeço por isso aos meus pais, pelos sacrifícios que fizeram por mim desde o 1º ano da faculdade, pelo apoio e força incondicional que sempre me deram, pela paciência que tiveram comigo, e pelo investimento que foram fazendo ao longo da minha licenciatura e mestrado.

Agradeço a todas as pessoas que durante estes anos me proporcionaram a alegria necessária para não desistir, a força e coragem para persistir e os sorrisos para me fazer sorrir.

Aos meus tios, pelo apoio, incentivo, alegria e boa disposição, acreditando e incitando a minha iniciativa.

Agradeço aos meus colegas de Estágio pela dedicação a este ano, pela convivência e amizade e também pela disponibilidade que sempre tiveram quando precisei, assim como, a todos os meus colegas de curso, por serem tão amigos, dedicados, e sempre prontos a ajudar quando necessário.

Agradeço aos Professores Orientador e Supervisor, pela muita paciência, ajuda, apoio, amizade e críticas sempre construtivas, pela disponibilidade e prontidão que apresentaram, ajudando-me e orientando-me neste longo e trabalhoso ano de Estágio.

Aos alunos, por tudo o que aprendi, tendo sido por eles e para eles que desenvolvi todo o trabalho de estágio.

A todos que, directa ou indirectamente, contribuíram para que este ano fosse sem dúvida “aquele ano” de trabalho.

“Penso que só há um caminho para a Ciência ou para a Filosofia: encontrar um problema, ver a sua beleza e apaixonar-se por ele; casar e viver feliz com ele até que a morte nos separe, a não ser que se encontre um outro problema ainda mais fascinante, ou evidentemente, a não ser que obtenhamos a solução. Mas, mesmo que obtenhamos uma solução, podemos então descobrir, para nosso deleite, a existência de toda uma família de problemas filhos, encantadores, ainda que talvez difíceis e para cujo bem-estar poderemos trabalhar, com um sentido, até ao fim dos nossos dias.”

(Karl Popper, 1989)

RESUMO

O Estágio Pedagógico visa a aquisição de competências que permitam um ensino eficaz da Educação Física, sendo este relatório de estágio a reflexão final acerca de toda essa prática.

A supervisão deste processo esteve a cargo de um Professor Orientador, docente da escola e um Supervisor de Estágio, docente da FCDEF-UC. O estágio foi realizado na Escola do 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, Infante D. Pedro - Buarcos, com um Núcleo de Estágio constituído por três elementos.

Com o intuito de elucidar, não só o meu percurso, mas também demonstrar o porquê da direcção que abracei, o presente documento encontrasse estruturado em oito capítulos. No primeiro realiza-se uma breve introdução. No segundo dá-se enfoque às expectativas traçadas em relação ao estágio. Já no terceiro coloca-se a ênfase no enquadramento do mesmo, com o objectivo contextualizar onde decorreu o Estágio e a estrutura escolar.

Por sua vez, o quarto, quinto e sexto capítulos, são dedicados à reflexão da minha actuação como professor estagiário, e como tal neste capítulo encontra-se uma reflexão, no sentido de dar a entender a minha evolução no decorrer deste processo. No sétimo capítulo está incluída uma análise mais aprofundada da leccionação da Unidade Didáctica de Basquetebol, onde exponho o que acho ser importante de referir no processo ensino-aprendizagem da mesma.

Por fim no oitavo capítulo é enfatizada a importância que esta experiência teve para o meu crescimento pessoal e profissional.

PALAVRAS-CHAVES: ESTÁGIO PEDAGÓGICO, PROFESSOR, EVOLUÇÃO, DIDÁTICA DE BASQUETEBOL.

ABSTRACT

In-service Education aims at the acquisition of skills to enable effective teaching of physical education, and this report reflect the final stage about all this practice.

The supervision of this process was the responsibility of a teacher advisor, teacher in the school and an Internship Supervisor, Teacher at FCDEF-UC. The stage was held in the School of the 2nd and 3rd cycles of basic education, Infante D. Pedro- Buarcos with a Center Stage of three elements.

In order to elucidate not only my career, but also demonstrate why the direction that I embraced, this report is structured into eight chapters. In the first place, a brief introduction. The second approach gives up to the expectations outlined in relation to the In-service Education. The third place emphasis in the same framework, in order to contextualize the stage where it took place and the school structure.

In turn, the fourth, fifth and sixth chapters are devoted to the reflection of my performance as a student teacher, and as such this chapter has a reflection, in order to understand my progress throughout this year.

In the seventh chapter is included a more detailed analysis of the Unit Curriculum of Basketball, where I explain what I think is important to mention in the teaching-learning process of the same.

Finally in the eighth chapter emphasizes the importance that this experience was for my personal and professional growth.

KEYWORDS: IN-SERVICE EDUCATION, TEACHER, DEVELOPMENT, UNIT CURRICULUM OF BASKETBALL.

SUMÁRIO

Teor do Compromisso de Originalidade do Documento	I
Agradecimentos	II
Epígrafe	III
Resumo	IV
Abstract	V
1. Introdução	9
2. Dedinição das expetativas iniciais	9
3. Contextualização da prática desenvolvida	11
3.1. Enquadramento da prática	11
4. Realização da prática	16
4.1. Planeamento	16
4.2. Realização	17
4.3. Avaliação	19
5. Componente ético-profissional	20
6. Análise reflexiva	21
6.1 Reflexão sobre o Planeamento e Realização	21
6.2 Pesquisa autónoma	21
6.3 Aulas lecionadas e observadas	22
6.4 Participação em atividades com a unidade de apoio especializada para a Educação de alunos com perturbação do espectro do Autismo (UEEA)	22
6.5 Ponderações Gerais	23
7. Aprofundamento de tema/problema - A Didática de Basquetebol e as suas componentes	24
8. Conclusão	28
9. Referências Bibliográficas	30

1. Introdução

O presente documento foi elaborado no âmbito do Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundário da Universidade de Coimbra do ano letivo 2011-2012.

O Estágio Pedagógico é uma etapa final do processo de formação universitária de futuros docentes de Educação Física e Desporto. Para tal, penso ser necessário uma atitude determinada e uma reflexão final posta em prática em todos os projetos levados a cabo na Escola E. B. 2, 3 Infante D. Pedro - Buarcos.

Este ano letivo foi, sem dúvida, a principal experiência de ensino com que me deparei, especialmente, porque temos que saber lidar não só com os alunos, mas também com todas as pessoas que envolvem o meio escolar (pais, professores, auxiliares da ação educativa e funcionários administrativos).

Neste momento, afirmo com certeza que as intranquilidades, temores e inexperiência sentida, enquanto estagiário (numa fase inicial), foram no final, supridos por segurança, desejo de desempenhar com ímpeto as funções de professor de Educação Física, adquiridas neste anos de licenciatura.

Como já foi referido, a reflexão crítica de tudo o que realizamos deve ser uma prática comum de todos os docentes, pois só a partir dela conseguimos delegar e perceber o que esteve bem (ou menos bem), o que é necessário manter e o que precisamos de melhorar.

O objetivo deste longo processo de formação foi de tornarmo-nos docentes reflexivos, inovadores e não apenas reprodutores de práticas ultrapassadas e sem resultados para os nossos alunos. O professor deve adoptar “uma nova atitude de vida, com capacidade para se mudar, saber mudar, adaptar e criar” (Costa, 1998).

É nesta perspectiva de reflexão que irei realizar este relatório final, visando sempre o necessário a mudança e/ ou inovação.

2. Definição das expetativas iniciais

Durante a elaboração do texto referente às minhas expectativas iniciais, recordo-me ter referido a importância que o ano de estágio tinha na formação académica do Professor de Educação Física. O extenso leque de conhecimentos adquiridos ao longo de todo o meu percurso académico despertou em mim diferentes expectativas suscetíveis de serem confirmadas ou não.

- Seria eu capaz de aplicar na prática todos os conhecimentos de carácter científico e pedagógico adquiridos ao longo da minha formação académica?
- Seria eu capaz de criar uma boa relação Professor/Aluno?
- Seria eu capaz de motivar os meus alunos?
- Seria eu capaz de fazer com que os meus alunos se apercebessem do verdadeiro valor desta disciplina, da sua vastidão de conteúdos e da possibilidade de ter nestas aulas vivências agradáveis mantendo durante a aula um clima saudável, promovendo nos alunos o gosto pela prática desportiva?
- Seria eu capaz de proceder a uma boa condução da aula, nomeadamente no que diz respeito a aspetos como controlo e disciplina dos alunos, correta organização das aulas?

Julgo que a minha ideia relativamente ao papel de um professor no contexto de sala de aula, era um pouco elementar, pelo menos, baseando-me no trabalho desenvolvido no início do período letivo. Com o decorrer do percurso Escolar, e com os feedbacks teóricos transmitidos pelo Professor Orientador e colegas estagiários, as dúvidas foram ganhando forma, passando de perguntas a respostas práticas, assumindo a sua verdadeira importância, quando aplicadas no contexto escolar – sala de aula.

Do orientador desejava encontrar o auxílio, o apoio, a experiência e a tranquilidade capaz de me ajudar a ultrapassar as dificuldades. Esperava que a sua intervenção pedagógica se processasse no sentido do nosso êxito como futuros Professores de Educação Física. Esta vivência, foi de extrema importância nas primeiras semanas, através da observação das aulas de regência realizadas pelo Orientador, facilitando o processo de consciencialização/interiorização de qual o papel do professor no contexto de sala de aula.

Dos alunos, uma das “peças” fundamentais do processo de ensino-aprendizagem, pois são eles que nos que suscitam maior curiosidade. “Serão calmos? Irrequietos? Bons? Maus?” são questões que coloquei a mim mesmo diversas vezes. Isto, porque eles são o produto visível do nosso desempenho, o motivo pelo qual estudamos 4 anos e é por eles que organizamos e desenvolvemos todo o processo de ensino. Assim sendo, o que esperava deles era apenas a sinceridade dos seus comportamentos, não com a intenção de facilitar as minhas ações, mas sim para me ajudarem a conhecer melhor a verdadeira realidade atual das escolas. Só assim é que poderia criar meios de defesa e métodos de ensino realistas, aos quais poderia recorrer no futuro, para os mais variadíssimos alunos durante a minha carreira profissional.

No que concerne à minha formação individual, tinha consciência que teria que aprofundar os meus conhecimentos no processo ensino-aprendizagem, na forma como orientar as coisas, sem fraquejar na formação dos alunos.

Em suma, esperava que o ano de estágio se traduzisse num conjunto de experiências enriquecedoras e novas aprendizagens, decisivas na minha formação como educador, de forma a encarar com naturalidade a complexidade das problemáticas, que futuramente iriam surgir e para as quais teria que encontrar resposta. Reservava portanto o direito de rever em mim, um bom desempenho profissional, e que teria que passar inevitavelmente pela minha tranquilidade espiritual e pela boa relação que sempre tentei manter com todos os alunos.

3. Contextualização da prática desenvolvida

3.1 Enquadramento da prática

O orientador e supervisor

O Orientador de estágio, revelou-se fundamental durante todo o ano letivo. Sempre atento ao trabalho diário, sendo uma peça fundamental para o meu crescimento como docente e profissional de Educação Física.

A sua presença constante perto de nós, marcada pelo bom humor e experiência que o caracterizaram, transmitiu confiança e motivação, no sentido de superar as dificuldades por mim sentidas. A sua sabedoria e experiência, traduzidas nas críticas e sugestões, foram fontes para o saber, o qual me facultou o melhoramento no meu desempenho como docente.

Penso que a relação de cumplicidade, companheirismo e principalmente de amizade que construímos tornou tudo mais fácil. As aulas, os alunos, os planeamentos, tornaram-se cada vez menos complexas.

Relativamente ao Supervisor da Faculdade, a relação construída com ele foi bastante boa, embora não existindo uma relação tão próxima. Foi um elemento fundamental no meu crescimento quantitativo (capacidade de trabalhar) e qualitativo (qualidade do trabalho desenvolvido), pois através das suas sugestões e correções, tornei-me mais eficiente nas tarefas diárias, pois as suas críticas sempre construtivas ajudaram-me bastante a corrigir o menos esperado.

O grupo de educação física

O grupo e departamento de Educação Física, constituído por dois professores e duas professoras, mostrou ser um grupo bastante ativo, promovendo bastantes atividades para os alunos. Desde sempre os Professores constituintes se mostraram à disposição para qualquer esclarecimento de dúvidas ou problemas.

Os alunos

“ O ensino processa-se em função dos alunos, que passam a ser o fulcro da atividades pedagógica.”

(Sousa M., 2001)

Os alunos foram sem sombra de dúvida, a razão por querer ser professor, sendo para eles e por eles que dirigi toda a ação educativa, com a qual pretendi alcançar determinados objetivos educativos pré-estabelecidos nos domínios cognitivo, socio-afetivo e psicomotor.

Os alunos são seres humanos em crescimento e desenvolvimento, apresentando características próprias, que provêm de qualidades biológicas mas também, do meio em que se encontram inseridos.

Relativamente às expectativas iniciais que tinha face aos alunos posso afirmar que até ao presente momento, uns corresponderam às expectativas, outros aquém e outros superaram-nas. Assim pude constatar que existem alunos muito diferentes, procurei estabelecer uma relação com base no respeito e confiança mútua, sem nunca esquecer o papel de cada um (professor/ aluno) no processo educativo.

A postura algo autoritária adoptada na fase inicial foi-se desvanecendo, sem contudo nunca desaparecer completamente, para que nunca perdesse o controlo da turma. Posso considerar que os meus alunos encontram-se com maior autonomia e com um maior grau de intervenção, mas também com maior responsabilidade.

A maioria dos alunos gostou da disciplina, e da forma como as aulas foram lecionadas, mas principalmente quando esta era abordada em formas jogadas, pois o empenho e motivação demonstrados são bastante maiores, aquando de situações analíticas. Nesta altura do ano posso proferir com convicção que compreendo deveras os meus alunos, sei o que eles gostam e o que não gostam, sei as dificuldades e os pontos fortes de cada um. Na minha opinião, todos eles podem aperfeiçoar os seus desempenhos quer individuais, quer colectivos. Prova disso, são as aversões aferidas entre eles, resolvidas no momento ou no dia seguinte.

A comunidade escolar

“ A escola, como instituição de formação, deve influenciar o ser humano para uma nova atitude perante a vida, dotando-o de capacidade para, mudando-se, saber mudar, adaptar e criar.”

(Costa J., 1998)

Se no início do ano as sensações e sentimentos que tinha eram de susceptibilidade, aperto, hoje, posso dizer que esses sentimentos desapareceram e que neste momento entrar na escola é para mim uma tarefa indispensável do dia a dia, onde vou encontrar amigos e colegas que me auxiliarão a superar esta importante fase da minha vida.

Penso que estou claramente integrado na comunidade escolar, onde mais que estagiário, sou docente e respeitado como tal.

As minhas expectativas iniciais não foram despojadas, pelo contrário, foram superadas e a minha primeira sensação estava correta. A escola e todos os seus elementos acolheram-nos tão bem que a condição de avaliação em que me encontrava foi por vezes esquecida, melhorando de forma qualitativa o trabalho realizado.

Penso que me identifico completamente com a vida de docente na escola, sendo um prazer para mim desempenhar tal função.

Considero que a minha integração no meio escolar, nomeadamente no grupo de educação física foi positiva. Aproveito assim, para expressar o meu especial agradecimento aos professores do departamento de Educação Física, por todo o apoio e disponibilidade demonstrada ao longo do ano.

Em relação aos restantes professores da escola, a integração demorou um pouco mais, uma vez que sendo professores de outras áreas curriculares, o contacto com eles não seria tão constante. No entanto, ao longo do ano a aproximação foi-se verificando e o leque de relações foi aumentando, chegando a níveis muito satisfatórios.

No que diz respeito aos alunos, posso dizer que não causaram qualquer tipo de problema, tendo realizado sempre as tarefas propostas sem se verificarem comportamentos inapropriados ou desviantes, tendo sido mantido sempre um respeito mútuo. Por estes alunos desenvolvi um grande sentimento de carinho, que foi fortalecido ao longo do ano letivo. Lamento não poder leccionar novamente esta turma, ficando apenas as lembranças dos bons momentos que o estágio me proporcionou com eles.

A Turma

No presente ano letivo lecionei a turma de 3º ciclo do Ensino Básico, 7ºA, constituída por 15 alunos, dos quais 6 rapazes e 9 raparigas. O horário da disciplina é composto por 3 aulas semanais, distribuídas por um bloco de 45 minutos e outro de 90 minutos. As aulas são lecionadas à terça-feira, das 12.45h às 13.30h e à sexta-feira das 12.00h às 13.30h.

Uma turma é um conjunto de indivíduos, em que cada um possui uma personalidade própria, interesses, atitudes, capacidades e uma origem social, *“Apesar de todos os traços em comum nada é tão diferente como dois alunos”* (Dussaut, 1973; citado por Pinto, 1989).

Não existindo dois alunos iguais tornou-se necessário individualizar também a prática letiva, para assim respeitar as diferenças etárias e individuais de cada um, seguindo o princípio didático da individualização.

Participação em atividades com a unidade de apoio especializada para a Educação de alunos com perturbação do espectro do Autismo (UEEA)

Durante todo o ano letivo o núcleo de estágio esteve envolvido em atividades com crianças com perturbação do espectro do autismo. Essas aulas específicas eram lecionadas às segundas, terças e quartas, sempre com a presença de pelo menos dois elementos no núcleo de estágio, em cada aula.

A participação nestas atividades, foram uma mais valia para a minha formação, mas principalmente a nível pessoal, onde senti uma grande evolução e maturação.

Conjuntamente a estas actividades, o Professor Orientador, no início do estágio achou por bem integrar dois alunos autistas na minha turma, oriundos de uma das turmas do 9º ano que o Professor estava responsável. Concordei plenamente com a decisão, sabendo de antemão que teria de preparar algo mais simplificado para estes dois elementos, caso os exercícios requeridos fossem de elevada complexidade.

A evolução de um dos alunos foi notável, bem como a ligação que criou com os restantes alunos da turma, onde acho pertinente referir, que o bom comportamento e afetividade que a turma apresenta ajudaram em muito este processo. O outro aluno autista, infelizmente não mostrou grande evolução nas minhas aulas, mas confrontando os responsáveis pela unidade, fui informado que a regressão do aluno era evidente das demais áreas, não representando assim um ensino debilitado da minha parte.

Apraz-me dizer que criei uma ligação especial com estes alunos, e observando o aluno que teve uma evolução significativa, fiquei deveras sentido com a força de vontade que este apresenta no seu dia-a-dia, e a forma como consegue expor as emoções quando assim é exigido.

4. Realização da prática

4.1 Planeamento

“Trata-se de prever possíveis cursos de ação de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para se concretizar.”

(Zabalza, 1992)

Como ponto de partida do ano letivo, elaborámos um plano anual para as nossas turmas. Sendo o planeamento anual de turma um documento de fundamental importância para organizar e orientar as diversas matérias e modalidades desportivas que o professor estudante vai leccionar à sua turma ao longo do ano letivo, torna-se assim fundamental proceder à sua realização.

Embora seja fundamental no início do ano, o planeamento deve ser encarado como um processo contínuo e um processo do ensino que se revela sempre flexível, sujeito a adaptações, e no qual há diversos factores a considerar tais como: os objetivos mínimos pretendidos, as metas que se pretendem alcançar, os espaços disponíveis, o material a utilizar, e ainda o nível dos alunos, aferido através da realização da avaliação inicial.

Após a elaboração do plano anual, era fundamental proceder-se à realização da tarefa seguinte, surgindo assim a realização de Unidades Didáticas. Estas, para serem úteis, deveriam ser realizadas antes no início do ano letivo, pois são bastante importantes na planificação da aprendizagem, principalmente para a consulta de exercícios e progressões pedagógicas passíveis de utilizar nas planificações e consequente leccionação de aulas.

“A estruturação do ensino segue a par e passo o ritmo e o sentido de desenvolvimento característico da criança.”

(Bento, 1987)

“Deve atender ao facto de que cada turma tem o seu ritmo de aprendizagem e que dentro desta, cada aluno tem o seu próprio ritmo.”

(Costa, 1998)

Optámos por criar Unidades Didáticas que nos fossem úteis no futuro, na nossa prática docente, elaborando assim as Unidades Didáticas de Atletismo, Basquetebol, Voleibol, Badmínton, Ginástica, Futebol, Râguebi e Andebol (esta duas últimas apenas lecionadas pelos meus colegas), as quais foram entregues ao orientador ao longo do ano, antes da sua implementação nas turmas.

Este foi para mim um trabalho importante mas ao mesmo tempo algo fastidioso, pois foi necessário um grande investimento da nossa parte, porém quando elaboradas, tomei consciência do quanto vão ser importantes para mim em anos futuros na minha prática docente, mais no que diz respeito à planificação, sendo posteriormente necessário apenas certas atualizações e adaptações.

Por último surge o Plano de Aula, contributo este fundamental para que o processo de ensino- aprendizagem decorra de modo eficaz e com sucesso, evitando assim situações de improvisação, isto porque uma aula não planeada pode estar condenada ao fracasso. Os Planos de Aula eram então realizados antes da aula.

Para planear é necessário ter em atenção alguns aspectos, nomeadamente os meios que a escola oferece, as capacidades individuais de cada professor, bem como o modo como se pretende avaliar os alunos.

Em relação ao material destinado à leccionação das diversas matérias, a escola possui grande diversidade e quantidade.

4.2 Realização

Instrução

De um modo geral penso que não tive muitas dificuldades na instrução das aulas. Tentei utilizar sempre uma linguagem simples e adequada, preocupando-me sempre em confirmar se a informação tinha sido suficientemente esclarecedora (embora nem sempre). De igual modo, tentei sempre utilizar as estratégias adequadas de comunicação embora estas tenham sido progressivamente adaptadas aos diferentes alunos e às diferentes situações.

Foi necessário adoptar estratégias diferentes, dado que os alunos não focalizavam a sua atenção aquando das instruções iniciais. Há medida que ia pretendendo determinados aspetos ia-os mencionando aquando da realização dos exercícios. No início do ano adoptei uma atitude mais ríspida com os alunos, no decorrer do ano e à medida que os ia conhecendo fui sendo mais flexível e assim conseguir um bom relacionamento aluno/professor.

As regras foram desde logo estabelecidas e permitiram um bom funcionamento das aulas. Julgo ter conseguido conquistar a admiração, o respeito e a simpatia de todos os meus alunos, o que associado a todas as evoluções registadas nas diferentes modalidades abordadas me deixa extremamente satisfeito.

Tipo e qualidades dos Feedbacks frequentemente utilizados

Ao nível do fornecimento dos *feedbacks*, não senti grandes dificuldades, porém a sua frequência e '*timing*' não eram os desejados, sendo um aspecto que tentei melhorar. É importante que o aluno receba o FB na altura certa e que este contenha o essencial, para que o aluno entenda o que se pretende.

Com o tempo julgo ter melhorado, embora tenha consciência que há muito mais a melhorar. Penso que forneci os feedbacks de forma ajustada, pertinentes e de fácil compreensão, quer fossem colectivos, quer fossem individuais. Penso que a linguagem por mim utilizada, foi sempre facilmente entendida pelos alunos.

Gestão do tempo de aula

Relativamente à gestão do tempo de aula e para rentabilizar ao máximo a aula foram utilizadas estratégias de transição entre exercícios, tendo sido estruturada as sequências de exercícios propostos para que não houvesse grandes mudanças na disposição dos alunos e na constituição do grupo de trabalho.

A existência de hábitos e rotinas, também se tornou fulcral na ocorrência de transições rápidas entre as tarefas, rentabilizando assim o tempo de aula.

Clima/Disciplina

Esta é a dimensão com que todos os professores se devem importar numa primeira instância, aspecto sempre muito bem reforçado pelo orientador da escola, tendo sido desde o início inculcada a importância desta dimensão. Assim, a minha apreensão inicial centrou-se particularmente neste ponto, pois o clima/disciplina pode condicionar muito a atividades do professor. A minha atitude inicial para com os meus alunos não diferiu muito com a que atualmente se verifica, porque os alunos sempre me respeitaram e obedeceram. Este comportamento adoptado por todos os alunos contribuiu para que pudesse ser um pouco mais flexível em determinadas situações, não afectado, no entanto, o meu desempenho como professor.

4.3 Avaliação

Ao longo do ano letivo foram realizadas 3 avaliações distintas (avaliação diagnóstica, formativa e sumativa).

A avaliação diagnóstica teve como objetivo conhecer o nível geral em que a turma se encontrava, no sentido de estruturar os objetivos e estratégias da forma mais adequada, para que os objetivos finais fossem alcançados, tendo sido elaborados para o efeito, grelhas de observação para cada uma das matérias.

A avaliação formativa surgiu no sentido de me fornecer um feedback, não só em relação à prestação dos alunos, mas também em relação à minha prestação. Esta informação permitiu-me fornecer aos alunos um feedback da sua posição em relação à avaliação inicial e em relação à avaliação final.

A avaliação sumativa permitiu-me obter a informação da prestação final dos alunos relativamente aos objetivos estabelecidos e atribuir uma classificação final. Esta

avaliação foi realizada de acordo com os parâmetros avaliativos elaborados pelo departamento de educação física.

5. Componente ético-profissional

Apresentei-me e participei, ao longo de todo o ano letivo, nas reuniões escolares de âmbito geral e particular, ou seja, em reuniões de núcleo de estágio, de grupo de Educação Física e em reuniões de conselho de turma (periódicas e de fim de período).

Relativamente aos relacionamentos na escola, iniciando por aquele estabelecido com os alunos, posso dizer que foi absolutamente excepcional, principalmente em relação aos alunos da minha turma do 7º A. Este, foi evoluindo progressivamente, criando-se uma empatia e identificação evidente, o que muito beneficiou o controlo da turma, a liderança e também a afectividade necessária para um bom clima de aprendizagem. No final do ano prevalece um sentimento de pura realização e de um desfrutar completo de dar aulas.

Com os meus colegas de estágio a relação foi sempre salutar, muito pelo facto de transparecer confiança, equilíbrio, trabalho de equipa e sinceridade, existindo um sentimento de amizade por trás de tudo isso. Aqui, o trabalho foi uma certeza e o apoio sempre uma constante.

Acerca do professor orientador, este revelou e assumiu uma posição importantíssima na orientação da nossa prática pedagógica, pois foi importante desde cedo estabelecermos um grau de cumplicidade com ele.

Relativamente aos restantes professores do Grupo de Educação Física é de referir o facto de o relacionamento ter sido bastante bom, fazendo-nos sentir à vontade e acarinhados.

Por último, mas não menos importante, gostaria de ressaltar a importância dos funcionários no seio escolar, principalmente os que faziam parte das instalações desportivas, reprografia e bares da escola.

6. Análise reflexiva

Refletir acerca do próprio desempenho é um ato de coragem e determinação, capacidade crítica e reflexiva, mas acima de tudo de humildade, de forma a reconhecer e consciencializar os principais problemas e possíveis soluções definindo linhas de orientação e atuação – Citando Teotónio Lima “No sistema educativo, os futuros profissionais de Educação Física têm no Estágio a última oportunidade para se aperceberem das diferenças que separam a sua preparação teórica e a sua preparação prática, bem como das lacunas que ainda têm que preencher para enfrentar, sem problemas, as situações técnico pedagógicas do ensino-aprendizagem.”.

6.1 Reflexão sobre o Planeamento e Realização

No início do ano, por vezes senti algumas dificuldades na elaboração dos planos de aula, sendo as principais dificuldades sentidas, não só a escolha dos exercícios mais adequados, mas também a correta programação do tempo previsto, isto porque planeava mais exercícios do que aqueles que o tempo me permitia leccionar. Estas dificuldades foram superadas, não só através dos feedbacks fornecidos constantemente pelo Orientador sobre quais os exercícios mais indicados para dadas situações, mas também devido a uma reflexão da minha parte de modo a ser mais seletiva nos exercícios a utilizar e assim otimizar o tempo.

Senti algumas dificuldades iniciais em me adaptar aos diferentes níveis que os alunos iam apresentando, principalmente ao nível do ajustamento do planeamento, conteúdos e objetivos definidos. No entanto, apesar da dificuldade, optei quase sempre por desenvolver um trabalho por grupos nível, permitindo desta forma a evolução de todos os alunos para um nível mais avançado. Achei por bem, em alguns momentos e modalidades, a junção de alunos com melhor capacidade técnica a alunos com maiores dificuldades, para que houvesse uma entreaajuda e uma possível evolução para ambos, em campos diferentes para cada um.

6.2 Pesquisa autónoma

A pesquisa bibliográfica levada a cabo foi uma ajuda imprescindível, quer na área das estratégias mais adequadas a utilizar em determinadas situações, quer na identificação e aplicação de exercícios adaptados à realidade escolar. Assim, durante este ano, tentei manter-me em constante formação, procurei utilizar a terminologia mais adequada e dirigir-me aos alunos com bastante atenção à linguagem utilizada. Tentei ainda estabelecer rotinas uma vez que estas se mostram bastante úteis, contribuindo assim para otimizar o tempo de aula.

6.3 Aulas lecionadas e observadas

As reflexões de aula foram um dos pressupostos fundamentais para o bom desenvolvimento das mesmas. É fundamental planear, executar, refletir e avaliar para voltar a planear. Só assim os conteúdos abordados serão os mais corretos de acordo com a turma em questão.

No final de cada aula, a reflexão realizada tentava visar todos os aspetos a ela inerentes, quer fossem relativos aos alunos, aos objetivos que me tinha proposto alcançar e ao meu próprio desempenho.

Na minha opinião, este foi um instrumento de melhoria das minhas competências de docente quer a nível didático como pedagógico, fazendo com que a tarefa de ser professor não se torne numa rotina desajustada e indesejada.

6.4 Participação em atividades com a unidade de apoio especializada para a Educação de alunos com perturbação do espectro do Autismo (UEEA)

Nos casos específicos dos dois alunos autistas, procurei ao máximo aproximar os seus objetivos a atingir com os objetivos definidos para a restante turma, e sempre que possível, os exercícios a realizar nas aulas foram os mesmos. Esta aproximação, visou sobretudo a inclusão dos alunos no grupo turma, e dela advieram efeitos bastante satisfatórios. O facto dos alunos da turma estarem sensibilizados para esta problemática, foi um factor determinante nesta inclusão.

Como já referi foi notória a evolução por parte de um dos alunos, enquanto o outro elemento regrediu comparativamente aos anos transatos, ficando eu a sabê-lo após conversa com os responsáveis da unidade e o Orientador.

Sem dúvida que, com esta inclusão de alunos bem distintos do meio escolar dito normal, na minha turma, tanto eu como os alunos só beneficiamos com esta experiência, com uma evolução mais predominante no espectro pessoal. Ajudar e ser ajudado por estes alunos, foi dos aspetos mais marcantes no decorrer desta etapa.

6.5 Ponderações Gerais

Tendo em conta toda esta sequência de tarefas e todas as condicionantes anteriormente referidas, tive oportunidade de realizar todo o planeamento, desde o planeamento anual até à operacionalização dos planos de aula.

Na minha opinião, penso que o meu trabalho foi muito positivo, consegui construir um plano anual de turma simples e exequível, fazendo sempre as alterações que achava necessárias e tentando sempre ser o mais coerente possível. Esforcei-me por atingir uma eficácia pedagógica, respeitando as diferenças entre os alunos e potencializando os comportamentos e atitudes de cada um deles. Foi também aqui fundamental, as críticas construtivas recebidas, não só pelo meu Orientador de Estágio, como também pelos meus colegas de Estágio.

No decorrer do Estágio Pedagógico, tenho um sentimento imenso de realização pessoal, pois senti de aula para aula, uma evolução notória na minha prestação como professor estagiário, de dia para dia sentia mais capacidade em decidir, em optar e em adaptar as situações à realidade. Este facto deveu-se principalmente aos feedbacks vindos quer da parte do Orientador de Estágio, quer da parte dos meus colegas estagiários, bem como dos meus alunos.

Esta situação não implica que eu não tenha sentido algumas dificuldades, naturais, principalmente no início do ano, dada a relativa inexperiência da minha parte.

O papel da Observação Pedagógica já foi anteriormente valorizado, no entanto é importante realçar mais vincadamente a sua importância para a nossa formação, pois permite-nos, entre outros aspetos, identificar aspetos positivos e negativos no trabalho dos nossos colegas (Professores experientes e Professores estagiários), procurando transportar os positivos para o nosso desempenho e procurando não repetir os mesmos erros. As críticas que me foram dirigidas, quase sempre de uma forma construtiva, tiveram desde o início a minha atenção, perante o meu reconhecimento sobre a sua justeza.

Penso que o sentimento mais importante retirado deste ano é o do prazer que sinto em dar aulas. Este é um desígnio fundamental num professor para que possa planear e executar as suas aulas. Só gozando do que fazemos é que alcançaremos o estatuto para nos avaliarmos.

7. Aprofundamento de tema/problema

A Didática de Basquetebol e as suas componentes

A escolha do presente tema deveu-se ao facto do meu historial com esta modalidade e consequente à-vontade com a mesma. A transposição de conhecimentos previamente adquiridos, mas no âmbito de treino, agora para o contexto escolar, foi feito de forma agradável e proveitoso.

A determinação dos objetivos programáticos e a seleção dos conteúdos programáticos conduz diretamente para o tipo de instrução que o professor irá utilizar nas aulas de Educação Física (Metzler, 2000). Ora, como os objetivos em Educação Física, desde os seus primórdios até aos nossos dias, têm evoluído, a forma de instrução dos professores tem-se transfigurado no sentido de corresponder às crescentes exigências que lhes eram e são impostas a vários níveis.

Deste modo foram desenvolvidos diversos novos métodos para o ensino da Educação Física, apelidados de estratégias de ensino: o trabalho por estações, o trabalho de pares, o trabalho de grupo (Metzler, 2000). Durante o ano letivo, estas estratégias foram usadas nas diferentes U.D. lecionadas, de forma muito predominante na U.D. de Basquetebol.

A grande mudança no ensino deu-se com a influência das ideias construtivistas sobre o papel do aluno no processo de aprendizagem, vindo este a ocupar uma posição central ao ser considerado o construtor ativo das suas próprias aprendizagens. Assim, um método de ensino eficaz é qualquer decisão ou ação que aumente a possibilidade do aluno, na aula, aprender.

De modo a ser mais eficaz, tive que, durante este processo como professor, de me munir com um número de modelos de ensino, familiarizando-me com a sua aplicação, e saber qual o modelo a utilizar numa determinada situação, dependendo

dos objetivos, domínios de aprendizagem, características dos alunos e conteúdos a abordar.

No modelo tradicional de ensino dos Jogos Desportivos é enfatizado a aprendizagem dos elementos técnicos, apresentados e exercitados em situações descontextualizadas, ao mesmo tempo que atribuem pouca ou nenhuma importância aos conteúdos tácticos.

Tendo este pensamento vincado na cabeça, tentei fugir um pouco a esta metodologia nas minhas aulas, mas devido ao impasse técnico que os alunos apresentam, não é de todo fácil conseguir desligar-me da utilização de exercícios técnicos isolados, sabendo de antemão porém, que a execução da mesma técnica em situação de jogo não será tão bem representada.

A estrutura típica das Unidades Didáticas é constituída por duas agendas desarticuladas entre si: a das habilidades descontextualizadas e a agenda do jogo formal, que requisita as habilidades num contexto incomparavelmente mais complexo e que pouco ou nada aproveita da exercitação das habilidades isoladas. Segundo Graça (2003a), os resultados de aprendizagem são poucos animadores, os alunos evidenciam pouca evolução na execução das habilidades nas condições mais simples e isso pouco ou nada acrescenta à sua capacidade de perceber e atuar no jogo.

A ideia comum, é a de exercitar isoladamente as técnicas, pressupondo que em situação de jogo as mesmas são executadas de igual forma. Ora, na prática, apercebi-me que são poucos os alunos que realmente conseguem fazer o transfere de uma situação para a outra. Para facilitar a passagem das aprendizagens de uma situação para a outra, sempre que possível tentei colocar alunos numa situação de alguma pressão, seja com defesa passiva, ou simplesmente ter o colega por perto o que implica uma maior coordenação e controle do espaço.

Nos últimos anos tem-se vindo a observar uma relação tensa entre escola, desporto e competição. A primeira tem vindo a questionar até que ponto os dois últimos poderão contribuir, ou prejudicar, a educação e formação das crianças e jovens (Ricardo, 2005).

Este é para mim, talvez um dos maiores problemas nas escolas, a idealização de que as aulas devem ser encaradas como sessões de treino. As modalidades coletivas em especial, devem ser lecionadas com o intuito de o aluno ganhar gosto pela atividade, aprender as técnicas base e conhecimentos base da táctica do jogo,

podendo então continuar a sua formação mais específica num clube ou instituição especializada. Quero com isto dizer, que sou apologista, sempre que possível de uma abordagem mais lúdica das modalidades a lecionar. Contudo nem sempre foi possível e a abordagem usada era mais formal.

No decorrer das aulas, tentei reger-me por este 3 ideais:

Revisão da matéria previamente aprendida: realizava no início da aula uma revisão sobre o que está aprendido, sob a forma de situações lúdicas ou exercícios critério. Desta forma, tinha a percepção se os alunos tinham aprendido o que foi transmitido na última aula.

Apresentação de novas habilidades ou do conteúdo em geral: todas as novas habilidades eram explicadas antes da exercitação dos alunos. Esta maneira proporcionava uma chamada de atenção para os aspetos fundamentais do movimento, demonstrando o movimento ou pedindo a um bom exemplo para o fazer (fazendo a descrição verbal e/ou visual). Os alunos desta maneira têm como referência o modelo correto de execução.

Monitorização da atividades motora dos alunos: transmitir aos alunos constantemente feedbacks, de forma a assegurar que o que está a ser feito está próximo do modelo. Sendo assim, os feedbacks eram predominantemente positivos e corretivos. As evoluções dos exercícios foram, logicamente, graduais, para que o aluno se torne mais autónomo no que está a fazer. Sempre que o aluno tinha a tarefa automatizada, avançava com o grau de dificuldade da mesma.

Usei o modelo do “Jogo para a compreensão” em algumas aulas, onde a atenção tradicionalmente dedicada ao desenvolvimento das habilidades, ao ensino das técnicas isoladas, se desloca para o desenvolvimento da capacidade de jogo, submetendo o ensino da técnica à compreensão táctica do jogo (Graça et al., 2003). A ideia é de deixar de ver o jogo como um momento de aplicação técnica, para passar a vê-lo como um espaço de resolução de problemas.

Para isso acontecer, têm de se encontrar formas de jogo apropriadas ao nível da compreensão e da capacidade de intervenção dos alunos no jogo (Graça & Mesquita, 2007). Contudo, não nega a necessidade do ensino da técnica, apenas sustenta que o trabalho específico da técnica surge após a apreciação do jogo e a contextualização da sua necessidade a partir de situações modificadas do jogo

(Graça & Mesquita, 2007) mas nunca esquecendo que deve acontecer quando o aluno reconhece a sua carência (Webb & Pearson, 2008).

De acordo com Webb & Pearson (2008), o foco é colocado no estudante numa situação de jogo onde habilidades cognitivas tais como “tomada de decisão tática” e “resolução de problemas” são fundamentais.

As adaptações destas formas de jogo fazem-se por referência a quatro princípios pedagógicos (Thorpe & Burkner, 1989, cit. por Griffin & Patton, 2005; Graça & Mesquita, 2009):

Seleção do tipo de jogo (fornecer aos alunos uma oportunidade de explorar diferenças e similaridades entre jogos. Expor várias formas de jogo para ajudar os alunos na aprendizagem de uns jogos para os outros – transferência de aprendizagem);

A modificação do jogo por representação (formas de jogo reduzidas representativas das formas adultas de jogo, contudo a complexidade da tarefa deve estar ao alcance da capacidade cognitiva e motora dos alunos);

A modificação por exagero (manipulação das regras de jogo, do espaço e do tempo de modo a canalizar a atenção dos jogadores para o confronto com determinados problemas táticos. Assim o professor amplifica certos aspetos do jogo, dando aos alunos mais oportunidade de prática de situações táticas e habilidades técnicas);

O ajustamento da complexidade tática (o repertório motor que os alunos já possuem deve permitir-lhes enfrentar os problemas táticos ao nível mais adequado para desafiar a sua capacidade de compreender e atuar no jogo).

O jogo desportivo ao ser modificado de uma forma bastante concreta e sempre de acordo com o objetivo do jogo, é a referência central para o processo de aprendizagem. É esta modificação que dá coerência a tudo quanto se faz na aula de Educação Física (Graça & Mesquita, 2007).

Com esta metodologia de ensino, notei algumas vantagens e alguns contras. As vantagens prenderam-se com o facto da interiorização das técnicas necessárias, da compreensão tática do jogo e consequente posicionamento no campo. Como contras, reparei que a velocidade de aquisição dessas mesmas capacidades, é inevitavelmente mais morosa. Contudo, penso que tenha sido uma abordagem

positiva e bem conseguida, pois a motivação e o empenho para a prática da modalidade aumenta com este tipo de situações de aprendizagem.

8. Conclusão

O Estágio Pedagógico é uma das etapas finais da formação universitária dos futuros docentes. É uma experiência única e maravilhosa que não acontece segunda vez.

Refletir acerca do próprio desempenho é um ato de coragem e determinação, capacidade crítica e reflexiva, mas acima de tudo de humildade, de forma a reconhecer e consciencializar os principais problemas e possíveis soluções definindo linhas de orientação e atuação.

Ao longo deste ano letivo procurei ser um professor que planeou, executou, refletiu e avaliou para voltar a planificar. No meu ponto de vista, estas são as linhas fundamentais para o desenvolvimento de um bom trabalho, coeso e competente.

É com muita satisfação que realizo a última tarefa contemplada no estágio pedagógico, que irá permitir a finalização do curso e possibilitar num futuro próximo, assim o desejo, exercer a minha profissão. Mais do que o fim de um longo ano, representa o fim de uma longa caminhada académica, repleta de desafios e surpresas.

Reconheço que ainda tenho muito que aprender ao longo da vida e que será a experiência do momento e o empenho, que me irá distinguir como um bom profissional. Aprendi, mais do que aquilo que ensinei e mais do que aprendi durante toda a minha formação académica, e por isso, gratifico todo o meu esforço, com a enorme vontade de abraçar o futuro que me espera. Apesar de saber que irei encontrar novas dificuldades e novos desafios, espero encontrar forças, para mais uma vez os ultrapassar.

Mesmo classificando este ano como muito trabalhoso e cansativo, uma vez que foi necessário conciliar as tarefas de estágio com atividades externas à faculdade, considero-o bastante positivo, não só por tudo o que referi anteriormente, mas também pelo contacto que tive com a comunidade escolar, nomeadamente com os alunos e com os professores.

Esta etapa termina agora e será sempre uma referência para a minha carreira profissional, não só por marcar o fim de uma formação acadêmica, mas acima de tudo por marcar o início de uma carreira como professor. Como disse Bento (1987), “entre os deveres de um professor conta-se o de conduzir, durante toda a sua vida profissional, um combate permanente consigo próprio, a fim de poder desempenhar a incumbência social de educação da juventude com uma motivação elevada, concordante com o valor que atribui à sua profissão”.

Esta foi, sem dúvida, uma experiência muito gratificante e da qual retiro as melhores e piores recordações, as alegrias e as tristezas, a euforia, a sublimação, na tentativa de que na memória não me falte nunca o carinho de todos os que decidiram abraçar o meu estágio pedagógico, ajudando-me a dar de dia para dia mais um passo na minha formação.

Terminamos com as palavras de Bento (1987) que, nos diz que a felicidade não é coisa fácil de definir e interpretar, mas é uma coisa que está em nós e em mais lado nenhum. A felicidade para nós está, neste momento, na realização de um dos nossos sonhos – ser professora de Educação Física: “...A glória da vida conquista-se nela, em cada dia, nas coisas pequenas e simples, pouco a pouco, grão a grão, passo a passo, degrau em degrau, nas pequenas progressões, no respeito dos pequenos compromissos” Bento (1995).

9. Bibliografia

ARANHA, Á. & Coelho, N. (2007). *Modelo de um estudo de turma: Estágio Pedagógico em Educação Física e Desporto*, Série didáctica. Ciências aplicadas; 333. Vila Real: UTAD.

ARENDS, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Editora mcgraw – Hill de Portugal.

BENTO, J. (1987): *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Colecção Horizonte da Cultura Física. Livros Horizonte. Lisboa.

BENTO, J. (1995). *O outro lado do desporto*. Campo das Letras - Editores, S.A.. Porto.

BLOOM, B., Hastings e Madaus (1971). *Manual de Avaliação Formativa e Somativa do Aprendizado Escolar*. Livraria Pioneira Editora, S. Paulo.

COSTA, J. (1998): *A Escola e o Desporto – Dossier do Professor*. Porto Editora. Porto.

GRAÇA, A. (2001, 29 de Novembro a 1 de Dezembro). *Concepções didácticas do ensino do jogo*. Paper presented at the I Congreso Ibérico de Baloncesto, Caceres, Espanha.

GRAÇA, A. (2003a). O modelo de competência nos jogos de invasão. In O. Ferraz & L. Dantas (Eds.), *Anais do VII Seminário de Educação Física Escolar: Educação física e o ensino fundamental* (pp. 17-24). São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

GRAÇA, A. (2003b). Para uma renovação das concepções de ensino dos jogos desportivos na escola. In A. Prista, A. Marques, A. Madeira & S. Saranga (Eds.), *Actividade física e desporto: Fundamentos e contextos* (pp. 177-188). Porto; Maputo: Faculdade de Ciências de Educação Física e Desporto, Universidade Pedagógica de

Moçambique; Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto; Faculdade de Medicina, Universidade Eduardo Mondlane.

GRAÇA, A., & Mesquita, I. (2007). A Investigação sobre os modelos de ensino Dos jogos desportivos. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7(3), 401-421.

GRAÇA, A., & Mesquita, I. (2009). Ensino dos Jogos Desportivos: concepções, modelos e avaliação. In A. Rosado & I. Mesquita (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 131-163): Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.

GRAÇA, A., Musch, E., Mertens, B., Timmers, E., Mertens, T., Taborsky, F., et al. (2003). O modelo de competência nos jogos de invasão: Proposta Metodológica para o ensino e aprendizagem dos jogos desportivos [Versão electrónica]. // *Congresso Ibérico de Baloncesto*

GRIFFIN, L., & Patton, K. (2005). *Two decades of Teaching Games for Understanding: looking at the past, present and future*.

METZLER, M. W. (2000). *Instructional models for physical education*. Boston: Allyn And Bacon.

GRAÇA, A. (2004). O desporto na escola: Enquadramento da prática. In A. Gaya, A. Marques & G. Tani (Eds.), *Desporto para Crianças e Jovens* (pp. 97-112). Porto Alegre: UFRGS.

MANUELA, C. E ANÍBAL, C. (2001): *Educação Física 10o/11o/12º*. 1a Edição. Areal Editores. Porto.

MAYOR, F.: Relatório Jacques Delois da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI – UNESCO.

PACHECO, José (1994). *A avaliação dos alunos na perspectiva da reforma*. Porto:

Porto Editora.

PINTO, M. (1989): Para uma definição do conceito e dos pressupostos do desenvolvimento da competência pedagógica. Dissertação apresentada às provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. FCDEF. Porto.

RICARDO, V. N. D. C. M. (2005). *Novas estratégias de ensino para os jogos Desportivos um estudo experimental na modalidade de basquetebol em Alunos do 9º ano de escolaridade*. Porto: Vasco Ricardo.

SENNERS, P. (2001): La lección de Educación Física. Colección Educación Física. 1ª Edição. INDE Publicações. Espanha.

WEBB, P., & Pearson, P. (2008). *An Integrated Approach to Teaching Games for Understanding (tgfu)*. Comunicação apresentada em 1st Asia Pacific Bibliografia 89 Sport in Education Conference: Ngunyawaiendi Yerthoappendi Play to Educate.

ZABALZA, M. (1994). Planificação e desenvolvimento curricular na escola. Porto: Edições ASA.